

5 FEV 1988

5 FEV 1988

Estréia em fim de temporada

Villas-Bôas Corrêa

Com a saudável ausência do governo, cada vez mais uma sombra que se esvaece nos acertos do plenário, a Constituinte vai encontrando os caminhos do entendimento e celebrando acordos que viabilizam a votação da futura e ainda distante Constituição. São as vias alternativas que se abrem, com a dissolução das legendas e a omissão da tática desastrada do PMDB.

O presidente José Sarney oferece a outra face da moeda das surpresas. Bracejando em plena crise, com a popularidade em queda livre, reage com vivacidade ao encurralamento das denúncias de corrupção e, em meio à tormenta, parece aliviado e disposto a começar vida nova.

Claro que se pode alegar que a estréia se anuncia com grande atraso, já ao final de temporada marcada por desempenhos contraditórios, registrando o sucesso retumbante de 10 meses de cruzado e um ano de retração de público, casa vazia, com o povo do lado de fora disposto à vaia, determinado no revide da pateada ao engano de um enredo que prometeu mundos e fundos e desandou num segundo ato de horror.

Esvaziada a irritação, recuperada a serenidade, a isenção da análise, constata-se que o governo Sarney parece que está começando. Ou, o que talvez trave na boca no amargo da frustração, o presidente afinal, muito tarde, resolveu adotar o seu programa, adotar as suas idéias, testar o seu esquema.

Antes de mais nada, o desafogo político do presidente Sarney encontra a sua explicação óbvia na sua libertação da asfixiante tutela do dr Ulysses Guimarães e no rompimento com a banda do PMDB que só o atazanava com exigências, cobranças, críticas, mas não saldava a conta do apoio parlamentar. Sarney soltou-se, dando um empurrão firme no desmantelamento da legenda que o escravizava.

O PMDB não está se desmanchando apenas porou Sarney forçou a mão, apontando a porta da rua para o bloco que fazia um jogo maroto e fechando com a fatia majoritária que continua refestelada no ministério, ocupando o maior espaço na administração, exercendo o poder na amplitude das suas vantagens e na delícia das mordomias. É evidente que o dr Ulysses tangeu o PMDB para o racha quando optou por cultivar a flor murcha de uma unidade de mentira em vez de perder alguns anéis para salvar todos os dedos com a afirmação de uma legenda que assumisse as suas responsabilidades e não fugisse delas, com o rabo entre as pernas, na mais calhorda das dissimulações.



Agora, que Sarney ajudou, é inegável. E rompeu grilhões que o humilhavam.

Liberto, o presidente não enxergou logo os limpos espaços à frente. Como o míope que inaugura o primeiro par de óculos, Sarney deu a impressão de tonteado pelo excesso de luz, no deslumbramento da revelação das coisas, do mundo em volta na correção do foco.

E foi uma pena. Porque as declarações de intenção iniciais de Sarney foram irretocáveis. Na afirmação do seu compromisso superior com a transição democrática, na humilde reverência à autonomia da Constituinte, depois da escovadela na Comissão de Sistematização, aceitando a irreversibilidade de inclinação popular pelos quatro anos de mandato ante a pressão das ruas que exige eleições o mais depressa possível.

A veia mística que confiou no milagre da inflação contida por decreto pode explicar a recaída na crença de uma virada no plenário para garantir a ilusão dos cinco anos. O presidente embarcou no conto do vigário da barganha de sólidas vantagens por assinaturas.

Desfeito o engano, sobram as pedras das acusações de corrupção.

Pois, com tudo isso, Sarney está tentando dar a volta por cima. Num curioso reencontro com disposições esquecidas nos recuos das hesitações.

O presidente encontrou o seu ministro da Fazenda com o gosto do remorso. O Mailson é o Francisco Dorneles do Sarney. O ministro discreto, tímido atrás das lentes grossas e sem invenções, com os pés na terra. Se Sarney seguisse os seus impulsos e não se deixasse embalar pela conversa fiada, não teria havido cruzado, nem congelamento de preços, mas teríamos escapado do rombo da moratória e das retaliações do Reagan.

Agora, no terceiro ato, Sarney decide enxugar por cima algumas gotas da inundação burocrática. É fácil visualizar como estaria a máquina tarda e obesa se a dieta do emagrecimento e a receita da eficiência tivessem sido adotadas como programa de abertura da Nova República.

Mesmo os murmúrios de corrupção já poderiam ter sido dissipados com uma atuação energética da qual resultasse a apuração de escândalos com os responsáveis na cadeia.

Tantas vezes o governo achou o itinerário e perdeu-se que convém dosar esperanças numa tardia retificação de rumo.

Em todo o caso, se não é possível evitar a sensação pungente do que poderia ter sido e não foi, como no verso famoso, sempre cabe reconhecer que é por aí que Sarney pode chegar à transição. Enfrentando um governo que não lhe obedece e que tomou o freio nos dentes. Mantendo distância da Constituinte. E esquecendo de vez os cinco anos. Se der é lucro.

JORNAL DO BRASIL